

Vida Alentejana

7994

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COTACÕES



Editor: ANTONIO BELEZA
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRETOR
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

SAPEC OS MELHORES

ADUBOS

PARA

TRIGOS, MILHOS, BATATAS e VINHAS

A SAPEC vende os melhores adubos sempre aos melhores preços do mercado

ADUBOS para todas as culturas

SAPEC Rua dos Fanqueiros, 121. 1.º LISBOA

João Manuel Palma SERPA

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos mais modernos

Francisco Romão Tenório

Herdade da Figueira de Cima

Creador de muares de raça seleccionada, e de gado cavalari, bovino, suino, lanigero e caprino. Produtor de toda a qualidade de cereais

Lãs, Cortiças, Azeites, Queijos
ARRONCHES

HERDADE DA GRAMICHA

DE Francisco Adelino Gonçalves

Creador de gado bovino, suino, lanigero, azinino e caprino
Produtor de cereais, lãs, azeites e queijos

ELVAS

PATRICIOS

Inscreevei-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»,
(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de 5, 10, 15 e vinte mil escudos

A mais sólida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição
Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Cordon, 31, 2.º LISBOA

Ramiro & Irmão, L. da

Moagem de Cereais e Debulhas à Máquina
Aldeia dos Fernandes CASTRO VERDE

Joaquim Patricio da Cruz

Produtor de cereais
Fábrica de farinha em rama

S. Luiz

ODEMIRA

BREVEMENTE

«Jornal do meio dia»

EDIÇÃO DIÁRIA (da «Alentejana Editora» em organização)

DIRECTOR: PEDRO MURALHA

Colaborado por profissionais da imprensa
e com um serviço telegrafico e telefónico
desenvolvido

Novo aspecto gráfico e literário

“JORNAL DO MEIO-DIA”

*inserirá interessantes Secções, tais como: Utilidades,
Charadistica, Abertura de Cambios, etc.*

A começar no 1.º numero:

Ártigas: Trabalho inedito de Pedro Muralha. É a historia da colonisação portuguesa no Uruguai, e a descrição da independencia das nacionalidades americanas

Assine já o **“Jornal do meio-dia”**

cujo preço é de **6\$00 Esc. mensais** Numero avulso **\$30**

Aceitam-se agentes e correspondentes
em todo o Pais

REDACÇÃO PROVISORIA:

Rua da Rosa, 105, 1.º — Lisboa

Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICULTURAL // PECUARIO // TURISTICO DE COLECTIVIDADES

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRECTOR

PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:

R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

FALEMOS CLARO

A verdade é que o problema dos trigos é bastante grave, e que poderá conduzir a lavoura a um autentico desastre; a verdade é que todo o paiz vive da agricultura, pois, não temos industrias em razoáveis condições, e apenas exportamos um bocado de peixe de conserva, algumas frutas secas e muito pouco vinho; mas a verdade é que já passa de um mês que temos o Parlamento aberto, e ainda não se ergueu uma voz que provocasse a discussão sobre esse magno problema que tanto está preocupando a maioria da nação, visto esta só da lavoura viver.

O problema diz-se em meia duzia de palavras: é uma frase apenas que poderá traduzir uma enorme desgraça.

Ei-lo:

Este ano devem sobrar 300 milhões de quilos de trigo. E todavia o paiz não consome mais do que 30 milhões mensais, ou seja: 360 milhões de quilos.

Temos consequentemente, da colheita de 1934 trigo que chega para quasi o ano de 1935.

Pergunta-se:

O que se há-de fazer á colheita deste ano?

O último decreto do sr. Ministro da Agricultura foi feito com intelligencia. Outra cousa não era de esperar do actual titular desta pasta. Mas êle veio demasiadamente tarde.

Quando êsse diploma saiu no *Diário do Governo*, já a terra tinha sido adubada. E êsse adubo é ouro que a terra absorveu, e que só poderá ser transformado novamente á primeira forma se o trigo tiver colocação, e se fôr pago compensadamente.

O meu illustre amigo sr. dr. Mira Galvão que é uma das maiores autoridades no campo da agricultura, distinto engenheiro agronomo, e Director do Posto Agrário de Beja e da XVIII Brigada Técnica, vez nenhuma ainda escreveu com maior eloquência do que aquella em que afirmou que nas *terras galegas é necessário colherem-se 10,8 sementes para se cobrirem as despesas.*

Pergunta-se mais:

Quais as terras não só do Alentejo mas de todo o paiz onde a produção é superior ás citadas sementes?

A não ser nos barros de Beja, e em algumas manchas, de Elvas, Campo Maior e Arronches, quais as terras que dão essa produção?

Se o ano é bom como foram os anos de 1932-34, todos se salvam, e então tanto o comércio como a industria lucram sobremaneira; se o ano é regular, a lavoura consegue salvar as despesas, o que já a não desanima. Mas se o ano é mau? Se em vez de 10,8 sementes o lavrador colhe 6 ou 7?

Era interessante fazer-se um inquérito ás herdades que estão hipotecadas ao Crédito Predial, á Caixa Geral, e ao Montepio Geral.

Talvez mais de 50 por cento, e que, apesar-de o lavrador ter dois anos de razoáveis colheitas, ainda não conseguiu libertar-se dêsse flacelo que o atormenta constantemente.

«Considero o problema do pão muito mais grave do que o do vinho. Este ano devem sobrar do consumo geral do País trezentos milhões de quilos de trigo. Quere dizer: dez meses pelo menos de consumo no futuro ano serão abastecidos pela colheita anterior. A situação resultante dêsse facto inevitável não pode deixar de ser gravíssima, de tal importância são os factores económicos e financeiros, que nela intervêm sobretudo se a próxima colheita fôr abundante Como remediá-la? Baixando á custa da lavoura, da panificação e da moagem o preço do pão, para se lhe forçar o consumo? Mas daria uma pequena baixa os resultados desejados? Pela minha parte, cuido que não. Para que o barateamento do pão influísse no seu consumo seria preciso conseguir uma baixa sensível e melhoria de qualidade. O problema está em estudo. Não-de encontrar-se fórmulas, que lhe atenuem a acuidade. Ninguém julgue, porém, que essas fórmulas venham despidas de sacrificios. Não-de acarretá-los. O que é preciso é distribuí-los equitativamente.»

(Palavras do dr. Oliveira Salazar)

Mas a lavoura, olhando para o futuro o que vê? Apenas um enorme ponto de interrogação.

Não prevê o que será o dia de amanhã. Parte do trigo do ano passado, apesar-de o haver manifestado em tempo competente veio a apodrecer no fundo dos celeiros. Onde há-de meter o produto da futura colheita. Quem lhe garante a sua colocação por um preço que não seja inferior ao que custou?

Já o Parlamento se pronunciou sobre o assunto? Não será este um problema de magna importancia que necessita urgentemente de ser esclarecido?

E' por estas razões que a lavoura sente a necessidade de ter também voz da imprensa diária de maneira a apontar os perigos que a cercam e a pedir a quem de direito que evite maiores tragédias

O *Jornal do meio-dia* que a lavoura pretende lançar impõe-se, como nunca.

E se a lavoura o não ajudar, se continuar a votar ao desprezo o magno problema que tanto o deve interessar, se cada um tratar apenas de si continuando a demonstrar um egoismo feroz, então, será muito bem feito que os seus interesses não sejam convenientemente defendidos.

Mas nada disto se dará.

Nós que temos atravessado todo o Alentejo, temos observado que por todo esse torrão abençoado se encontram muito boas vontades que estão adormecidas. Elas acordarão ao sentirem bater ao ferrólho das suas portas.

— Quem bate?

— E' o seu Sindicato que vem solicitar-lhe a sua adesão afim de fazer parte da *Alentejana Editora*, entidade que será a legitima proprietária do órgão que no futuro, lhe defenderá os seus interesses.

Quem se recusará a acudir a êsse toque de clarim que neste momento ressoa por todo o Alentejo?

PEDRO MURALHA.

FALAM OS NUMEROS Um benemerito da instrucao

Quantas sementes são necessarias que os Barros produzam para se salvarem as despesas

Reproduzimos hoje os numeros eloquentes da despeza e da receita do trigo na região dos Barros insertos num magistral artigo publicado no *Diário do Alentejo*, e subscrito pelo sr. dr. Miravão, uma das maiores autoridades do pais em assuntos agricolas.

DESPEZAS

<i>Preparação do alqueive</i>	
Lavoura de abrição (2 dias de trat. e char. a 160\$00 de despeza diária) ou sendo feito a gado (5 dias a 2 parelhas a 30\$00, o que dá approx. o mesmo)	320\$00
Primeira gradagem com grade de discos em principios de Maio, 1/8 de dia de tractor e grade	20\$00
Atalho — um ferro de arado no principio de Junho (3 geiras, ou uma passagem de escarificador, 1/2 dia 160\$00 que dá approx. o mesmo) ...	75\$00
Segunda gradagem, como acima, no fim de Agosto, 1/8 de geira de tractor	20\$00
Descarda, (praticamente, não tem, porque as gradagens com grades de discos feitas nesta epoca, destroem por completo toda a vegetação expontanea)	—\$—
Embelgação (1/4 de geira a 25\$00)	68\$25
Adubação	441\$25
200 quilos de sulfonitrato (a 145\$00 cada 100 kgs.	290\$00
200 quilos de superfosfato 18 o/o (a 46\$00 os 100 kgs.)	92\$00
Mistura e espalhamento do adubo e transporte á terra (um homem a 12\$00)	12\$00
Sementeira	394\$00
Valor da semente; 120 L. de trigo seleccionado ou 90 kgs. a 1\$600	153\$60
Lavoura de sementeira a arado e sementeira (3 geiras) ...	75\$00
Amanhos culturais	228\$60
Gradagem do trigo (2 gradagens, 1 mula e 1 homem 1/2 dia a 16\$00	8\$00
Monda (2 mondas, 50 mulheres a 4\$00	200\$00
Colheita	208\$00
Ceifa de empreitada (8 alq. em sementeira a 20\$00) ...	160\$00
Enceleiração (1/4 de homem a 16\$00	4\$00
Carreto para a eira (6 carradas a 6 caminhos e mólheiro, 12\$00, mais 25\$00 da geira)	37\$00
	201\$00

Debulha

Debulha á maquina (8 o/o de 16 sementes ou 120 X 16 — 1.900 L. ou 1.555, 2 kgs. c/ 81 de esp. ou 124,41 kgs. a 1\$500	194\$07
Carreto para o celeiro, etc. (1 geira, 3 carradas e 1 homem a 12\$00)	37\$00
	231\$07

Contribuições

Ao Estado, Camara, Freguesia, etc. (22 o/o do rend. colectavel e por 1,5 ano apr.)	30\$00
	30\$00

Renda da terra

Uma semente ou 96 kgs. vezes 1,5 ano ou 144 vezes 1\$50	216\$00
	216\$00

Outras despesas

Quota parte na administração (2/3 do ganho do caseiro ou 2/3 de 3.650\$00 a dividir por 60 hectares	40\$54
Seguro da seara (10,5 o/o sobre o valor de 16 sementes)	25\$47
Despesas diversas (joeiração da semente, desinfecção, etc.	2\$50
	68\$51

Juro do capital empregado na exploração

10 o/o da despeza do alqueive, 1,5 ano	66\$19
10 o/o sobre todas as outras despesas (excepto debulha, renda, contribuições e seguro, 6 meses)	55\$40
	121\$59
Total das despesas	2.140\$02

RECEITAS

<i>Valor do trigo colhido</i>	
16 sementes ou 1920 l. c/ 81 da esp. ou 1.555,2 kgs. a 1\$56	2.426\$11
<i>Valor da palha</i>	
Média 3.000 a \$01	30\$00
<i>Valor da pastagem</i>	
1\$20 por alq.; mais 50 o/o para o agostadoiro	14\$40
<i>Valor da preparação da terra para a cultura seguinte</i>	
1/8 do custo do alqueive ...	147\$08
Valor das calorias da adubação que restam para a cultura seguinte (no barro praticamente nada, porque teinho que adubar a aveia) ...	—\$—
	2.617\$59

O nosso bom amigo e assinante de Portalegre, sr. José Elias Martins, não é apenas um abastado lavrador da região. Ele, devido ás suas qualidades de trabalho, é vereador da Camara Municipal, sendo sempre ouvido com muito interesse.



José Elias Martins

Mas o seu carinho pela instrucao do povo é também grande.

Ainda há dias o *Diario de Noticias*, em correspondencia da freguesia da Urra (Portalegre) tecia os maiores elogios a este nosso amigo por ele ter dado á Caixa Escolar daquela freguesia um donativo importante, destinado aos alunos de ambos os sexos, mais necessitados.

Daqui saudamos o nosso querido amigo, desejando que nunca se arpenda de fazer bem, porque os homens generosos sempre se impõem á consideração das almas bem formadas.

CONCLUSÃO

Lucro por hectare	477\$57
Custo de 1 quilograma de trigo (2.140\$02 menos 191\$48 — 1948 54 : 1.555 kgs.) ...	1\$25
Numero de sementes necessarias para cobrir as despesas	14,4
Sementes produzidas	16
Sementes de lucro ou de prejuizo (lucro)	1,5
Lucro industrial (juro do capital empregado na cultura)	22,3

Jornal do meio dia

Uma iniciativa que toma incremento e que constitui
uma esperança da classe agricola — Serpa envia-nos

◆ ◆ um documento que nos entusiasma ◆ ◆

De entre a numerosa correspondencia que temos recebido, ácerca da constituição do órgão defensor dos interesses da lavoura, que se denominará *Jornal do meio dia*, uma carta que recebemos que seria o suficiente para nos abalancarmos a por em prática a iniciativa dos lavradores de Elvas. E' essa carta escrita em nome do Sindicato Agrícola de Serpa, assinada pelo seu director gerente sr. António Jacinto Lança. Se não conhecessemos esse nome seria para nós mais uma adesão vulgar á iniciativa de Elvas, que já foi patrocinada por muitos Sindicatos Agricolas.

Mas não se trata duma adesão vulgar. Trata-se da cooperação de um dos maiores e mais bem orientados Sindicatos do paiz.

O sr. António Jacinto Lança tem imprimido ao Sindicato que dirige uma tal orientação que como fica dito, este Sindicato está na primeira plana entre os Sindicatos mais florescentes.

Se o sr. Lança nos tem dito na sua carta que não achava interessante nem oportuno a iniciativa pela qual estamos dando o melhor do nosso esforço e dedicação nós hesitaríamos neste momento se devíamos continuar ou não. Mas a carta é como segue:

«Alentejana Editora, Ltd. — Rua da Rosa, 105, 1.º

Ex.^{mas} Srs.

Acusamos a recepção da vossa circular, datada de 11 do corrente, a propósito da iniciativa de se lançar na imprensa do paiz um grande órgão diário que defenda os legítimos interesses da lavoura.

Por reconhecermos que a realização desse empreendimento corresponde a uma autentica necessidade da classe agricola, achamos a ideia de todo o ponto louvavel e digna de ser secundada e nesta ordem de ideias vimos declarar a V. Ex.^{as} que este Sindicato Agrícola de Serpa está disposto a dar a sua colaboração moral e material para que a publicação desse quotidiano seja um facto.



José Barahona (Conde da Esperança)

Que poderosa força pode representar esse jornal diário quando bem orientado e dirigido!

Portanto, assente em principio a nossa participação monetária para a fundação da «Alentejana Editora», desejamos no entanto, para nossa orientação, que V. Ex.^{as} nos digam se os Sindicatos aderentes indicados na circular já todos subscreveram com acções, e, em caso afirmativo, qual o número de acções por cada um.

Ficando aguardando o favor da vossa resposta, temos a honra de nos subscrever com a maior consideração e estima de V. etc.

Pela Direcção: a) António Jacinto Lança.

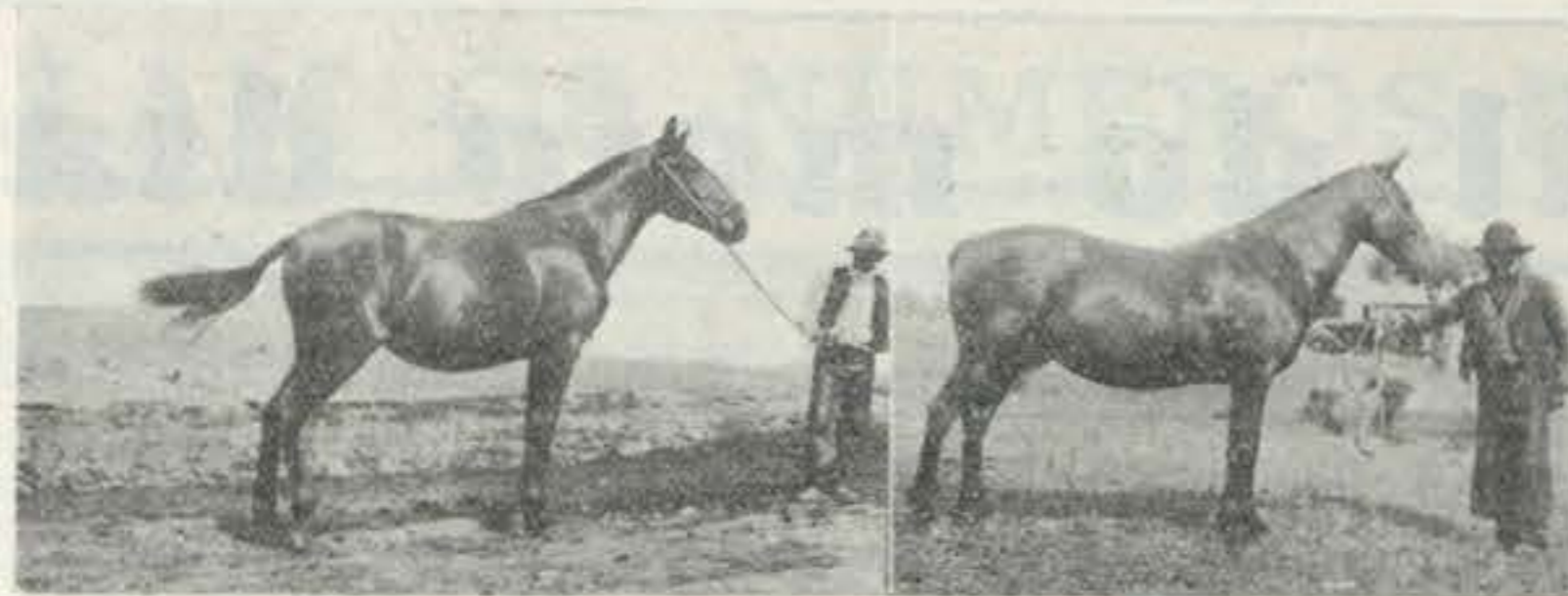
Tem o signatário desta carta muita razão — *Que poderosa força pode*

representar esse jornal diário quando bem orientado e dirigido.

E para orientar e dirigir a sua parte politica — a politica da lavoura bem entendido — já contamos com valiosissimos elementos, entre os quais os srs. drs. Ruy de Andrade, Mira Galvão, Garcia Pereira e tantos outros, não prescindindo também do sr. António Jacinto Lança pois elementos como esses senhores é que hão-de fazer do órgão da lavoura portuguesa um grande jornal diário.

Viagem de propaganda

Afim de tratar de assuntos que se prendem com a saída do *Jornal do meio-dia*, encontra-se no Alentejo devendo estar em Lisboa na próxima quinta-feira o nosso director, Pedro Muralha.



Poldra de 3 anos, raça «Peninsular» e gada de raça «Hackney» (Casa Ervideira — Evora)

O Alentejo tem como raça cavalgar uma variedade do Andaluz a que nós chamamos Peninsular.

Desde tempos muito antigos os reprodutores machos vieram da Andaluzia.

Em 1748, quando foi reconstituída a coudelaria de Altér, à Espanha, especialmente à Andaluzia, foram buscar as mães.

Depois essa foi sempre a fonte procurada.

Porquê? Pela simples razão que é daí que vêm os animais que melhor se dão na nossa região e de que os portugueses mais gostam.

E porque se vão buscar lá reprodutores?



Doas boas eguas paridas — Casa Picão Caldeira (Santa Eulália)

Porque o ambiente português tende a fazer definir os nossos cavalos e os espanhóis são mais fortes.

Porém grande parte da nossa criação cavalgar alentejana não é pura.

Muitas cruzas têm sido feitas.

Com marroquino antigamente.

Com Hackney desde 1880 a 1910 e com oriental e mestiços depois.



Da Casa João Romão Tenório (Assumar)



Estas últimas cruzas são patrocinadas pelo Ministério da Guerra.

O alentejano, se o deixassem, não queria senão o Peninsular.

E porquê?

Porque a única indústria cavalgar rendosa é a produção da muar e esta só é verdadeiramente boa, entre nós com eguas andaluzas puras.

A égua andaluz cresce forte, cria boas mulas, liga bem com o burro e amamenta melhor.

Nenhuma outra raça entre nós dá igual resultado.

As mulas de égua nossa são as melhores. As filhas de eguas com



Eguas debulhando — Rui de Andrade (Foz Lúrena)



Puro sangue árabe Rui de Andrade (Foz Lúrena)



Nacional de Altér, antiga Casa Real, fonte do maior lote de cavalos reprodutores do Estado e que pertence actualmente ao Ministério da Guerra.

Os criadores que têm conservado mais puras as suas manadas são os senhores:

António Rasquilha, de Santa Eulália e Francisco Barradas que têm á antiga manada Com. Francisco Rasquilha, o sr. José Joaquim da Silva, de Elvas; o sr. Pompéu Caldeira e o seu primo lavrador da Atalaia, o sr. António Picão Caldeira; o sr. Francisco Picão Caldeira, este



Um grupo de eguas da Samarruda — Casa Costa Pinto (Fronteira)

Os srs. Castelo Branco em Cabeço de Vide e Altér do Chão. Em Souzel, o sr. Calça e Pina. Ervideira e Peres, em Evora.

Em Borba, o sr. dr. Leitão. Em Vila Viçosa, os srs. Pombeiros

Com cavalos cruzados, têm obtido bons produtos os srs. Luiz Couto, Joaquim Picão Fernandes, dr. Abreu e dr. Cidrais (herdeiros), em Elvas; e em Extremoz, as várias casas Reynolds, especialmente D. Isabel.

CREAÇÃO CAVALAR

sangue árabe têm pouco valor nas feiras.

A criação cavalgar é mais florescente em certas zonas do Alentejo do que em outras.

Os melhores centros criadores são:

Altér, Elvas, Santa Eulália, Monforte, Campo Maior, Arronches, Fronteira, Souzel, Extremoz, Arraiolos, Montemór, Vila Viçosa, Redondo, Evora e Reguengo.

Fora desta zona o gado cavalgar é menos bom.

O criador mais importante é a Coudelaria



Um grupo de eguas na pousa Rafael Mendes Calado (Alco)

vosso criado, o sr. Francisco Menici Sardinha e o sr. José Maria de Moura, em Monforte.

Francisco Romão, Joaquim Romão e João Romão, em Arronches.

Manuel Tavares, em Assumar.

Em Campo Maior, há também alguns, como o sr. Domingos Mexia Serra e supponho que os srs. Courados.

Os irmãos Córtes e Maldonado, em Veiros do Alentejo.



Da Casa Barroso (Fronteira)

Em Montemór, há muitos: Cunhais, Malta, Almadinim, etc. Em Arraiolos: Miras, Francos, etc. Em Evora: os Barahonas, Soares, Fernandes e quantos outros.

Longa seria a história de tantas casas, de tantas raças e de tantos cavalos.

A criação muar tem aumentado e no Alentejo o gado cavalgar de 1849 em que era de 8.592 está hoje em 17.940; o muar, de 13.804 subiu a 43.799 e o asinino de 24.735 á 52.705.

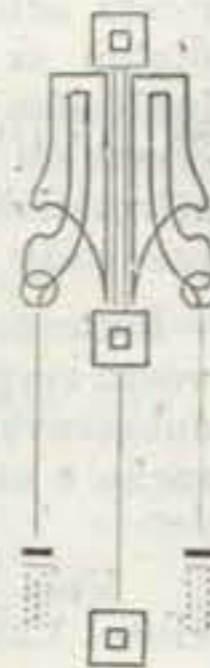
UM LAVRADOR ALENTEJANO



Eguas afilhadas de raça Hackley (Casa Ervideira — Evora)



Na Herdade da Boa Vista das Mocinhas (Campo Maior)



O problema vinicola

A Lisboa chegam muitos milhares de pessoas que veem reclamar urgentes medidas para a solução do problema vinicola — O Parlamento ocupou-se do assunto

Está na ordem do dia o problema dos vinhos que a par dos problemas dos trigos, constituem hoje as causas que mais preocupam os elementos que estão à frente dos destinos da Nação.

No passado dia 22, chegaram a Lisboa alguns comboios especiais com gente de muitas regiões vinhateiras que acompanhou as comissões que vinham reclamar providencias.

Na Assembleia Nacional (Antiga Camara dos Deputados), tratou-se largamente do assunto, ficando concluída a discussão, e aprovados com algumas alterações os quatro decretos que a *Vida Alentejana* já transcreveu na integra.

Nesses documentos, foram introduzidos as seguintes alterações:

E' obrigatoria a enxertia, a substituição ou arrancamento de todos os produtores directos existentes até 15 de maio de 1937.

1.º — Cada viticultor enxertará, substituirá ou arrancará um terço pelo menos dos seus produtos directos, até 15 de maio de 1935, e outro terço até 15 de maio de 1936.

2.º — Os viticultores que optarem pelo arrancamento dos seus produtores directos beneficiarão da indemnização a que se refere o artigo 7.º)

O deputado alentejano sr. Joaquim Lança, referindo-se à opinião de um outro deputado, afirmou que o governo da nação, muito se tem preocupado com o assunto que se debate, encarando o problema sob todos os aspectos, incluindo o que respeita à importação de vinhos para as nossas colonias, segundo se vê pelo relatório do respectivo decreto.

A propósito do discurso do sr. Joaquim Lança, diz o *Noticias*:

Pôs em evidencia, depois, a justiça das reclamações dos viticultores do Baixo Alentejo, lamentando que, presentemente, o Governo não encontrasse possibilidade para as atender inteiramente, como ás de umas outras regiões.

Concluiu, assim, parafraseando uma afirmação de Barthou, sobre a França e Doumergue:

— A minha política é uma só. E' a do País, é a de Salazar!

Plantio e retanchar de videiras

O sr. dr. José Nozolini justificou com largas considerações, a seguinte proposta de substituição ao artigo 24.º, assinada também pelos srs. drs. Ague-

do de Oliveira, Melo Machado, Antunes Guimarães, Pacheco de Amorim, Ribeiro Ferreira, Jorge Viterbo Ferreira, Pinto de Mesquita e engenheiros Cancela de Abreu, Leovegildo Franco de Sousa e Santos Pedroso, e que foi aprovada:

«Até legal condicionamento da cultura da vinha, nas diversas regiões vitícolas, é proibida a plantação de videiras no continente, salvo a realizada pelos estabelecimentos do Estado para estudo ou ensino.

Parag. único. A retanchar ou substituição de videiras mortais ou doentes poderá ser autorizada pelo Ministério da Agricultura, dentro do objectivo da eliminação progressiva da cultura de vinha nos terrenos de varzea ou aluvião, respeitando a substituição das videiras mortais ou doentes nos enforcados e ramadas das bordas, desde que com isso não seja aumentada a área plantada».

O Mel

Sua aplicação na doçaria caseira

(Do Posto Central do Fomento Agrícola)

Alcomonias

Põe-se num tacho uma porção de mel. Logo que ferva, deita-se uma pequena porção de pinhões torrados e limpos de peles. Deita-se, depois, farinha de rolo suficiente e deixa-se cozer até se poder estender com o rolo. Feito isto, corta-se esta pasta em pequenos losangos que vão ao forno em latas untadas.

Babás de mel

Manteiga, um terço de chávena (75 grs.); açúcar, um quarto de chávena (56 grs.); mel, meia chávena (decilitro e meio); um ovo; sumo de limão, meia colher, de sopa; farinha de trigo, chávena e meia (172 grs.) e fermento, colher e meia, de chá (6 grs.).

Derreta a manteiga e adicione a pouco e pouco o açúcar; junte ao mel a gema do ovo, bem batida, e o sumo de limão; misture tudo muito bem e acrescenta a farinha e o fermento, passados juntos em um crivo. Adicione, então, a clara do ovo, bem batida.

Deite em fôrmas pequenas, untadas, ou coloque, bem distantes umas das outras, em fôrmas grandes, untadas, e leve ao forno durante dez a quinze minutos.

Bolos de mel

Mel, um litro; azeite, um litro; ovos, uma dúzia; açúcar, 250 grs. e farinha que baste.

Misture-se o mel com o azeite, encorparando, a seguir, as gemas batidas e o

MUSA ALENTEJANA

Silencio trágico

A faina principiou de manhã cedo, manhã de Junho, quente, abafadiça: os machados, na arranca da cortiça, rasmam de cima a baixo o arvoredor.

E o sobreiral vetusto, no segredo das tragicas paixões, na dôr submissa dos vegetais, dir-se-á que se espreguiça num extase espectral de espanto e medo.

Mas quando, ao fim da tarde, olho o [montado] e vejo em carne viva, ensanguentado, o velho sobreiral, sinto que encerra

na tortura sem voz dos infelizes, a dôr que vai dos troncos às raízes chorar, gritar no amago da terra!

CONDE DE MONSARAZ

Cotações

Carne de porco em Evora

As cotações no último mercado de Evora foram de: para marchantes 85 e 86 escudos a arroba, para a cidade 88 escudos.

Na Bolsa de Mercadorias

São as seguintes, as cotações que tiveram alguns cereais, na última sessão da Bolsa de Mercadorias:

Milho: amarelo, quilo 1\$09; branco, 1\$07.

Aveia: quilo, comprador \$74; vendedor \$78.

Cevada: quilo, vendedor \$90.

Centeio: quilo, vendedor \$95.

Fava ratinha: quilo, comprador 1\$05, vendedor 1\$09.

Fava meã: quilo, vendedor 1\$17.

Grão de bico: quilo, vendedor 1\$70.

Polainas Marca DUQUE

da Rua do Ouro, 294

São preferidas pelas pessoas de bom gosto, pela elegancia, resistencia e côr fixa, a retalho e revenda.

açúcar. Batem-se as claras à parte, deita-se a farinha que embeber, amassa-se muito bem, fazendo pequenos bolos, que se colocam em fôrma untada, que se leva ao forno a cozer.

Beijinhos de mel

Mel, 500 grs.; farinha, 650 grs. e erva doce, uma colher, de chá.

Dissolve-se o mel em água morna, junta-se-lhe a farinha e a erva doce, e amassa-se durante algum tempo. Depois tende-se nas mãos com um pouco de farinha, e vai ao forno em fôrma polvilhada de farinha.

Tenente Coronel Aviador
BRITO PAIS

As suas últimas disposições traduzem bem o seu caracter

No passado dia 22, rezou-se na Igreja dos Mártires, uma missa mandada dizer por sua familia e, sufragando a morte deste valoroso official aviador que foi uma grande glória do Alentejo e que neste dia fazia o primeiro aniversario da tragédia que o vitimou com mais seus dois camaradas.

Ali vimos presentes grande número de officiais aviadores assim como de muitos amigos seus, que os tinha e alguns bem sinceros. Outros que o exploraram emquanto vivo não se quizeram incomodar a render mais uma homenagem, com a sua presença, aquele que foi tão heroico, tão generoso, e tão atraído.

Entre outras pesoas vimos ali o sr. Cesar de Miranda, representando a Camara Municipal de Odemira.

Vida Alentejana, fez-se representar pelo seu director.

Para demonstrar o que era o character do noso saudoso comprovinciano, basta transcrever esta parte do seu testamento, e que foi publicado no passado dia 13 na *Republica*, classificando-o dum documento de alto valor cívico.

«Peço a minha mulher que eduque os meus filhos dentro dos mais rigorosos preceitos da humanidade, bondade e altruismo, não se esquecendo nunca dos prazeres que tivemos quando nos foi possível minorar as dores alheias.

«As crianças devem tanto quanto possível chegar á idade da razão no convencimento de que só pelo trabalho honesto é possível a vida sã. Tenho a certeza de que minha mulher fará meus filhos bons, irmãos modestos e honrados trabalhadores. Cada um dêles aprenderá um officio á sua escolha e deve sempre ser-lhe afastado da mente o pensamento do emprêgo público.

«Peço a minha mulher que na educação cívica das crianças os faça orgulhosos da sua Pátria, confiantes e bons.

«A sua educação deve ser o mais completa possível, mas não duvidosa do rumo que êles afincadamente escolham.

«Almas bem livres e abertas characteres bem francos e leais, verificando-se pelaos outros desconhecedores do egoismo, é como eu os desejaría ver se vê-los pudesse.

«Em matéria religiosa, minha mu-

lher ensinará a meus filhos como eu vivi, conhece ás minhas crenças, indicá-las-á a meus filhos, ensinando-lhe o respeito a todas as crenças.

«E êles para si tomarão e seguirão aquelas que a sua razão lhes indicar, sem pressão de qualquer espécie, com a consciencia completamente livre.»

Quem, como Brito Pais, lega a seus filhos este formoso documento moral, bem merece que dêle nos recordemos, apontando públicamente o seu exemplo, que o de homem recto, apurado, de um civismo e de uma compreensão humana que vão sendo raros.

Estas palavras de Brito Pais, no que elas tem de nobre afirmação de principios, poderiam ser endereçadas a todas as crianças portuguesas.

Cooperativa da Casa do Povo de Santa Eulalia

Por noticias que recebemos de Santa Eulalia, sabemos que o saldo de contas de sete meses da nova gerencia da Cooperativa da Casa do Povo de Santa Eulalia, foi de cerca de 85 mil escudos.

Deve-se este progresso á dedicação e á boa orientação dos nossos amigos Francisco da Silva Carneiro Rasquilha e João Eusébio.

Caixa de Credito Agrícola Mutuo de Santarem

Recebemos o relatório desta Caixa de Crédito.

São muito importantes os numeros que encerra esse documento como se verá.

O movimento de empréstimos aos sócios montou a esc. 7.597.422\$00 (mais esc. 1.170.298\$00 do que na gerencia de 1933), sendo esc. 1.174.094\$00 de capitais proprios (mais esc. 560.349\$00 do que em 1933).

Depositos á ordem — Nesta data, o saldo é de esc. 947.678\$79 (mais esc. 437.252\$77 do que em 1933).

Depositos a prazo — É o saldo de esc. 386.400\$00 (mais esc. 199.000\$00 do que em 1933).

Fundo social — O Fundo social fixou-se em esc. 509.624\$02 (mais escudos 15.280\$99 do que em 1933).

Credito social — O valor das propriedades cadastradas, nesta Caixa, é de esc. 20.283.983\$37, que dá, somado ao Fundo social, o crédito social de 10.651.615\$70 escudos.

Carlos Homem de Sá

ADVOGADO

Rua da Viforia, 88-3.º

Telef. 2 7277

LISBOA

RELATORIOS

Grémio Alentejano

Recebemos o relatório e contas do Gremio Alentejano, referente ao ano findo. É um documento que muito honra quem o assina.

O movimento durante o ano foi muito importante. Assim, foi pago pela cotação de sócios de Lisboa, 116.073\$50; pelos sócios da provincia, 52.441\$50; e por bilhetes de identidade, 433\$90, perfazendo um montante de 168.948\$90 escudos.

Os jogos renderam 31.437\$25; o restaurante, 4.097\$47; o bengaleiro e barbearia, 230\$00, e o produto de festas 30.959\$50, havendo um saldo de 6.793\$14.

Sobre o movimento dos sócios dá-nos o referido relatório os seguintes numeros:

Nativos, residentes em Lisboa, 651; extraordinarios, 427; auxiliares, 1955 e benemeritos, 1. Total, 3034.

Sobre a séde social, assunto que tanto preocupou a direcção, diz-nos o relatório:

«Aproximando-se a data da resolução judicial acêrca do pleito travado entre a senhoria do Palácio de São Luiz e a Empresa «A Monumental, Ltd.», em cujo pleito não tinhamos interferencia mas cuja decisão nos acarretaria graves dificuldades, deliberou-se, em reuniões da Direcção, de 16 e 22 de Março, activar as negociações, da nossa parte já existentes, com a senhoria e a Empresa no fito de assegurarmos a estabilidade do Grémio nesta casa.

Compareciamos, em 2 de Abril, perante a Assembleia Geral e aprovados plenamente os nossos pontos de vista, assinaram-se em 6 desse mês, no cartório do notario dr. Santos Gomes, as escrituras em que nos era reconhecida a qualidade de arrendatários da casa com o pagamento da renda mensal de 5 contos, e assegurada a venda de todo o seu recheio pela quantia de 350 contos.

Para liquidação dos encargos resultantes desta operação, lançou-se um empréstimo entre os alentejanos, efectuando-se esses trabalhos com o valioso auxilio do Conselho Regional do Grémio.

Acêrca do assunto constata-se o seguinte, até 31 de Dezembro:

Importancias subscritas, 117.300\$00 cobrado dos subscritores, 74.600\$00; rendimento das Tardes Alentejanas, 1.402\$50, num total de 76.002\$50.

Pagamentos efectuados á Monumental, Ltd., por conta do nosso débito, 100.000\$00; despesas de contracto e de emissão, 3.630\$30, no total de 103.630\$30. Dispendido do cofre do Grémio, 27.627\$80.

Vimos em Lisboa

Os nossos assinantes:

De Elvas — Francisco da Silva Telo Rasquilha.

De Odemira — Cesar de Miranda.
De Santa Eulália — José Martins de Sousa.

De Ferreira do Alentejo — José Passanha Pereira.

De Ervidel — Claudino Braz.

A ROSEIRA

Sua origem e sua importância «ética e étnica»

Pelo Professor S. Decker

XIV

CLASSE III

Rosas trepadeiras multifloras

Esta roseira multiflora veio do Japão, sob a forma duma variedade já cultivada, que depois se espalhou muito pelos jardins da Europa sob o nome de «Tuner's crism rambler». Tão intensos são os seus caracteres que se transmitem também, infalivelmente, aos descendentes. Esta roseira quer ser banhada pelo sol, mas precisa ter o pé á sombra e implantado num solo bem fresco, tal qual o célebre «Glycinia» (*Wistaria sineusis*). O mesmo se dá com todas as outras trepadeiras descendentes da «rosa multiflora». E' preciso prestar atenção a essa particularidade, porque é a chave do sucesso na cultura das variedades do grupo da «rosa multiflora».

A «Rosa Galica» e a «Rosa Chinensis» também tem grande importância na formação das variedades multifloras.

A última das espécies que participam da formação das rosas trepadeiras é a «Rosa wichuraiana», do Japão, com hastes delgadas e rasteiras providas de aculeos pouco recurvados. As folhas compõem-se de 7 a 9 folíolos arredondados e tão lustrosas que parecem envernizados.

Todas as trepadeiras híbridas oriundas destas espécies e dos seus cruzamentos com as rosas de outras classes nunca florescem fora da estação das rosas, que é a própria Primavera.

Temos, pois, três grandes grupos:

1.º — Grupo de rosas trepadeiras florescendo só uma vez por ano: a) com flores grandes; b) com flores pequenas;

2.º — Grupo de rosas trepadeiras florescendo várias vezes por ano: a) com flores grandes; b) com flores pequenas;

3.º — Grupo de rosas Banks (*Rosa Banksiae*), que descende de uma única espécie, a «rosa Banksiae», da China. As suas flores individuais, brancas ou amarelas, são muito pequenas. A graça desta rosa é de incomparável subtilidade.

CLASSE IV

Rosas com as características das rosas silvestres

Este grupo compreende as variedades híbridas que se assemelham, pelas suas flores não dobradas, ás

flores das espécies silvestres. Apesar da sua grande beleza, são de pouco valor.

Escolha de rosas realmente recomendáveis:

O fruto de 40 anos de observação sobre as roseiras e seu cultivo, autorizam o autor a oferecer ao leitor como que uma selecção das rosas que melhor se recomendam, pela sua formação e qualidade.

Não pretendemos, absolutamente que as rosas recomendadas sejam as mais belas. Afirmamos apenas que são aquelas que podem dar plena satisfação aos amadores, e que entre elas se encontram, decerto, algumas das mais belas actualmente existentes.

Conselhos práticos para a cultura de hortaliças

Pelo Professor S. Decker

XI

Alho — «Comum» ou «branco» e «rosa» ou «temporão».

Multiplicação pelos «dentes» dos bulbos; *pêso* por litro de dentes, 500 gramas, contendo cerca de dez cabeças de dez a doze dentes cada uma. Precisam-se por metro quadrado, de 48 dentes que produzirão cerca 1 quilograma de bulbos.

Conselhos culturais — Plantam-se os dentes em Março e Abril á distancia de 10 cm., em linhas afastadas 15 a 20 cms., enterrando-os a 5 cms., de modo que a ponta fique 2-3 cms., abaixo da superfície do solo. Terra antes pesada do que leve, tendo recebido estrume de curral no ano precedente. Limpar de quando em quando; fegar rara mas abundantemente em tempo sêco. Para favorecer o crescimento dos bulbos, costuma-se fazer um nó com a rama da planta quando esta começa a amadurecer. A *colheita* faz-se em dias quentes, quando os órgãos vegetais estão secos. Expõem-se as plantas alguns dias ao sol antes de reunir as cabeças em molhos ou em resteas, que se fazem da mesma rama.

Alho porro — «Carentan» (8-4) «grosso de Rouen» (1-7).

Sementes — *pêso* por litro 550 gramas; 1 grama contém 400 sementes; *longevidade*, 2 anos; tempo de *germinação*, 8-15 dias; *poder germinativo*; 30 a 95 por cento. Precisam-se 50 gramas de sementes que ocu-

parão 5-6 m² do alfofre e darão as 3.000 plantas necessárias para a cultura rendendo 600 quilogramas de alho porro.

Conselhos culturais — Solo profundo e fôfo, fresco e substancial; adubação rica; utilizar o estrume do curral na cultura anterior; incorporar ao solo cada 100 m² 5 quilogramas de sulfato de potássio e, no momento das capinas, 14 quilogramas de salitre do Chile, distribuídos em duas vezes durante a vegetação. Semear em alfobras ou caixões durante o ano todo, fazendo uso das duas variedades acima que se sucedem em terra bem trabalhada, nivelar e bater a superfície, semear a lança e cobrir as sementes com uma camada de terriço, medindo 3-4 mm. *Desbastar* quando o talo tiver alcançado a grossura de um lapis. Arrancar as plantas em maços; encurtar as raízes e as pontas das folhas; regeitar as plantas fracas.

Plantar em regos de 8-10 cms., de profundidade e distancia de 30 cm. Distanciar as plantas a 10-12 cms., comprimir a terra ao redor do talo e regar abundantemente. Encher as regas sucessivamente, de acordo com o crescimento das plantas, com a terra afogada por ocasião das capinas. Regar nas épocas de sêca. Uma outra maneira de cultivar o alho porro consiste em plantar as mudas em covas feitas por meio de plantadores, deixando-as abertas e entregando ás próprias regas o cuidado de enchê-las de terra.

Obras de Pedro Muralha

Alemanha Perante a Europa (Esgotado)	
Belgica Heroica (»)	
Terras d'Africa 2 vol.	40\$00
Portugal no Brazil 1 vol.	15\$000
A Prôa de Sagres 1 vol.	10\$00
Cartilha Colonial 1 vol.	5\$00
Album Alentejano, Tomo de Beja ...	20\$00
Tomo de Evora...	25\$00

Brevemente :

Album Alentejano, Tomo de Portalegre	30\$00
Artigas	10\$00

Pedidos a

R. da Rosa, 105, 1.º

Trabalhos tipograficos
em todos os generos.

Imprensa Beleza

R. da Rosa, 99 a 107

Telefone 2 1622

ALBUM ALENTEJANO

TOMOS PUBLICADOS:

Beja	20\$00
Evora	25\$00

A SAIR:

PORTALEGRE

Com mais de 1.000 fotografuvas e 500 páginas 35\$00
Os assinantes tem direito a 50 % de desconto nos tomos que
tenha o seu anuncio.

Pedidos a **ALBUM ALENTEJANO, IMPRENSA BELEZA**

Rua da Rosa, 99 a 107 — Lisboa

VEEDOL

EXPERIMENTE

ESTES

DIFERENTES

OLEOS

100 %

PENNSYLVANIA

LUBRIFICANTES

Distribuidores exclusivos em Portugal:

VEROIL

COMPANHIA IMPORTADORA DE OLEOS

LISBOA — Avenida 24 de Julho, 94 — Telef. 2 8023/4

AGENTES E REVENDEDORES EM TODO O PAIZ